

CRENÇAS E ATITUDES LINGÜÍSTICAS NO PROCESSO DE REVITALIZAÇÃO DA LÍNGUA MUNDURUKÚ: O VIÉS GERACIONAL

BELIEFS AND LINGUISTIC ATTITUDES IN THE PROCESS OF REVITALIZATION OF THE MUNDURUKÚ LANGUAGE: THE GENESIS VIÉS

Celso Francês Júnior¹

RESUMO: Este artigo pretende fazer um recorte de um fato sociolinguístico referente à comunidade indígena mundurukú do Estado do Amazonas no que concerne ao uso da língua portuguesa e mundurukú nas três últimas gerações. A metodologia adotada é de cunho quantitativo e qualitativo, e o *corpus* da pesquisa foi coletado a partir da realização de entrevistas sistematizadas por questionário. Observou-se uma ordem cronológica e geracional para a preferência da língua portuguesa desde a geração dos avós dos informantes desta pesquisa, o que mostra ruptura no ensino da língua nativa às crianças da comunidade. A falta de transmissão linguística deve ter sido fruto de uma avaliação negativa que a comunidade apresentou diante da língua nativa, e, a avaliação positiva da língua portuguesa gerou maior preferência de uso, tornando-a a língua de prestígio.

Palavras-chave: Revitalização; Crenças; Atitude Linguística; Comunidade Mundurukú.

ABSTRACT: This article intends to make a clipping of a sociolinguistic fact referring to the Mundurukú indigenous community of the State of Amazonas regarding the use of the Portuguese language and mundurukú in the last three generations. The methodology adopted is of quantitative and qualitative nature, and the *corpus* of the research was collected from interviews conducted systematized by questionnaire. It was observed a chronological and generational order for the preference of the Portuguese language since the generation of the grandparents of the informants of this research, which shows rupture in the teaching of the native language to the children of the community. The lack of transmission must have been the result of a negative evaluation that the community presented in front of the native language, and the positive evaluation of the Portuguese language generated a greater preference of use, making it the language of prestige.

Keyword: Revitalization; Beliefs; Linguistic Attitude; Mundurukú Community.

¹ Doutorando em Linguística pela Universidade Federal do Pará (PPGL), Professor de Linguística da UFPA. E-mail: celsofrances@ufpa.br



Introdução

Durante muito tempo, comunidades indígenas do Brasil sofreram com o processo de colonização, gerado pelos portugueses que aqui estiveram. Tudo isso ocasionou quase a extinção de muitas culturas indígenas que existiam nas terras brasileiras. A questão do desaparecimento das línguas vem chamando a atenção de especialistas há muito tempo e a situação das línguas existentes no Brasil é ainda mais preocupante no tocante à necessidade de manutenção e revitalização. Na sociedade minoritária, onde geralmente há a presença de mais de uma língua, o povo tende a privilegiar uma apenas e isso provavelmente deriva de algum tipo de pressão externa por conta das interações sociais dos povos. Segundo Rodrigues,

Hoje são faladas na Amazônia cerca de 250 línguas indígenas, sendo que cerca de 150 em território brasileiro. Embora aparentemente altos, esses números são o resultado de um processo histórico – a colonização europeia da Amazônia – que reduziu drasticamente a população indígena nos últimos 400 anos. Estima-se que, só na Amazônia brasileira, o número de línguas e de povos teria sido de uns 700 imediatamente antes da penetração dos portugueses (cf. RODRIGUES 2008). Apesar da extraordinária redução quantitativa, as línguas ainda existentes apresentam considerável diversidade, caracterizando a Amazônia como uma das regiões de maior diferenciação linguística do mundo, com mais de 50 famílias linguísticas. (RODRIGUES, 2008, p 37)

Provavelmente são vários os fatores que exercem pressão sobre comunidades minoritárias indígenas no Brasil, que apresentam mais de uma língua em uso, e que, ao longo do tempo, acabam privilegiando a língua ensinada na escola, ou seja, o português. A possível entrada, nas comunidades indígenas, de uma educação despreparada e sem planejamento contribuiu para tal perda linguística. A intervenção opressiva da escola que obrigava os índios a aprenderem a língua portuguesa desencadeou uma atitude negativa quanto à língua nativa das populações indígenas, contribuindo cada vez mais para que menos indivíduos indígenas falassem sua língua de cultura. As línguas indígenas no Brasil entraram num processo de extinção porque seus falantes deixaram de falar a língua nativa.

Um exemplo desse quadro é a língua Mundurukú, antigamente falada na Terra Indígena Kwatá-Laranjal no Estado do Amazonas. O processo de desaparecimento dessa língua encontra-se em um estágio alarmante,



com um número bastante reduzido de falantes: segundo Borella e Santos (2011), são apenas cinco indivíduos, que não leem e nem escrevem. O uso diário da língua portuguesa é exclusivo na comunidade toda, ou seja, a língua de cultura deste povo já não faz parte do rol de suas atividades cotidianas nem culturais. Esta é uma situação que preocupa, pois a morte dos poucos falantes da língua nativa pode representar completa extinção da língua nesta comunidade. Iniciativas de revitalização podem proporcionar o resgate deste patrimônio cultural tão importante para a identidade de um povo.

Nos últimos anos surgiram grandes movimentos interessados em revitalizar línguas em perigo de extinção, e, no Brasil, este interesse se intensifica pela necessidade de se recuperar e preservar nossa cultura linguística. Por outro lado, a tarefa de documentação das línguas minoritárias e em perigo de extinção é muito onerosa e difícil no lugar onde não há política que viabilize esta ação.

Este trabalho analisa as atitudes linguísticas dos indivíduos da comunidade indígena Mundurukú do Kwatá-Laranjal do estado do Amazonas, considerando o interesse de uso da língua a partir das três últimas gerações dos colaboradores desta pesquisa. Segundo Moreno Fernández (1998, p. 179), a atitude é uma manifestação social dos indivíduos distinguida por centrar-se, especialmente, tanto na língua, como no uso que se faz dela em sociedade. O estudo sociolinguístico da atitude pode proporcionar explicações sobre o futuro linguístico da comunidade indígena mundurukú: i) se apenas o português continua como língua de comunicação e o mundurukú sucumbe; ii) se a comunidade se torna bilíngue falando o português e o mundurukú; ou iii) se o mundurukú se revitaliza, tornando-se a única língua falada pela comunidade.

A atitude linguística é uma manifestação social que os indivíduos apresentam e que se refere à língua no uso e o que fazem dela nas relações sociais. A língua funciona com instrumento transmissor de significados sociais, valores, normas e marcas culturais. Ela constrói a identidade e fortalece a cultura de um povo; dessa forma, pode-se pensar na relação de língua e identidade e que esta se manifesta nas atitudes dos indivíduos com a língua e nas relações com os usuários dessa língua. A relação entre língua e identidade é tão estreita que não se pode deixar de pensar em identidade étnica.



La identidad es aquello que permite diferenciar un grupo de otro, una etnia de otra, un pueblo de otro. Hay dos maneras elementales de definir una identidad: bien de forma objetiva, caracterizándola por las instituciones que la componen y las pautas culturales que le dan personalidad, bien de forma subjetiva, anteponiendo el sentimiento de comunidad compartido por todos sus miembros y la idea de diferenciación respecto de los demás. (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 180).

As variedades de uma língua podem ser elemento definidor da identidade. As atitudes de grupos com cultura e identidade determinada são, em parte, atitudes sobre variedades linguísticas usadas nestes grupos pelos usuários desta língua. As atitudes linguísticas são reflexos de atitudes psicossociais, pois a língua possui significado e conotações sociais. Por isso, é muito difícil compreender onde começa a atitude de uma variedade e onde termina a atitude de grupos sociais ou usuários dessa variedade.

A atitude linguística é conceituada como uma manifestação de preferência e uma convenção social a cerca do status de prestígio do falante em relação à sua língua. Nesse sentido, são os grupos sociais de maior prestígio e mais poderosos economicamente que determinam o padrão da atitude linguística das comunidades de fala. Por conta disso, a atitude é geralmente positiva se os falantes tiverem maior prestígio e posição social elevada. Por outro lado, podem-se encontrar falantes de variedades linguísticas minoritárias que apresentam uma atitude negativa em relação a sua própria língua, e isso acontece geralmente quando essa variedade não lhe possibilita uma ascensão social.

Para que se possa compreender melhor a possibilidade de se ter uma atitude negativa em relação a uma língua ou variedade linguística, deve-se estabelecer uma distinção entre algumas características: assim como um indivíduo pode ser visto de modo diferente como profissional, como amigo, como padre ou como vizinho, as línguas podem ser estimadas por razões diferentes, razões que geralmente são sociais, objetivas ou afetivas. A atitude apresenta certa multiplicidade e isso explica bem sua capacidade de influenciar em diversas situações como, por exemplo: a forma como um professor trata seu aluno; como os profissionais entrevistam os candidatos a um posto de trabalho; e os empregados de uma empresa tratam seus clientes.



Uma base que se assenta a atitude linguística é a consciência sociolinguística, pois os indivíduos forjam atitudes porque têm consciência de uma série de atos sociolinguísticos que os afetam. Os falantes sabem que sua comunidade prefere um uso linguístico a outro; que certos usos são próprios de certos grupos e não de outros, portanto, têm a possibilidade de eleger o que considera mais adequada às circunstâncias e a seus interesses.

A consciência linguística é um fenômeno intimamente ligado à questão da variedade linguística, sobretudo nas comunidades e nos lugares onde se tem mais de um dialeto. Por conseguinte, em relação à atitude, uma das consequências diretas da consciência sociolinguística é o fato da segurança e insegurança linguística, isto é, a “relação que existe entre o que um falante considera correto, adequado ou de prestígio e seu próprio uso”. (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 182)

Parece certo que la relación entre estrato sociocultural e y consciência linguística es muy estrecha y que, a medida que se baja en el espectro social, disminuye el grado de capacidad distintiva de los socialectos de la comunidad. Si, efectivamente, consciência linguística y estratificación social son de alguna forma paralelas, habrá que saber caules la fenomenología que da pie a las distinciones. (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 182)

Fala-se de segurança linguística, segundo Moreno Fernández (1998), quando o que um falante considera correto e adequado coincide com os usos espontâneos do mesmo falante; por outro lado, a insegurança linguística surge quando tal coincidência diminui ou desaparece. Esta capacidade de escolha que possui um falante deriva da consciência linguística. Tal escolha se torna decisiva para explicar os fenômenos de variação e mudanças linguísticas, assim como a escolha de uma língua em comunidades multilíngue.

A comunidade Mundurukú do Kwatá-Laranjal e sua língua

A população indígena mundurukú está distribuída em três estados do Brasil: na região do rio Tapajós, no Estado do Pará, no Estado do Amazonas, na Terra Indígena Kwatá-Laranjal, no município de Borba-AM, e na Terra Indígena Apiaká, município de Juará, MT (MENDES, 2007, p. 16). Porém, nosso estudo centra-se nas comunidades que habitam os Estados do



Amazonas e Pará, pois são delas os colaboradores que participam de nossa pesquisa.

O Mundurukú, juntamente com o Kuruáya, é uma língua que pertence ao tronco Tupí e juntos formam a família linguística Mundurukú. Os falantes da língua mundurukú estão distribuídos por três comunidades indígenas habitantes dos estados do Mato Grosso, Amazonas e Pará. Segundo Picanço (2012), as duas áreas de maior concentração de indivíduos por vilas são as comunidades Kwatá-Laranjal, localizadas na cidade de Borba, no Estado do Amazonas, e os Mundurukú das Terras Indígenas Sai Cinza, em Jacareacanga, no Estado vizinho do Pará. Neste trabalho, tais comunidades serão referidas como os “mundurukú do Amazonas” e os “mundurukú do Pará”.

A situação linguística do grupo residente no Amazonas é preocupante, pois a língua nativa já se encontra num estágio avançado de desaparecimento. Borella e Santos (2011), num levantamento sociolinguístico do povo Mundurukú, afirmam ter apenas cinco falantes da língua mundurukú, dos quais nenhum lê ou escreve a língua. Embora encontremos um número bastante reduzido de indivíduos que falam a língua mundurukú nessa região, a maioria daqueles que não dominam mais a língua de cultura pretendem, ou melhor, manifestam interesse em resgatar o mundurukú. Mesmo não falando mais a língua, a maior parte da comunidade aparenta ter uma atitude positiva em relação à retomada do uso da língua mundurukú.

Caminhos da pesquisa

Com o intuito de investigar as atitudes linguísticas que a comunidade mundurukú do Kwatá-Laranjal, localizado na terra indígena à margem do Rio Kanumã, no Estado do Amazonas, manifesta diante de sua língua de cultura e a língua portuguesa, este trabalho realiza uma análise das três últimas gerações do grupo de pesquisa para tentar entender um processo de mudança linguística.

Os participantes desta pesquisa somam 35 alunos de uma licenciatura para formação de professores indígenas da Universidade Federal do Amazonas, embora o número total de alunos seja 43. Desses 43 estudantes, oito são oriundos da Terra Indígena Mundurukú do Estado do Pará, falantes nativos da língua.



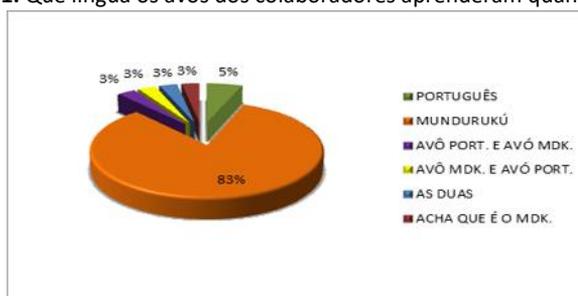
Para a coleta de dados, foi realizada uma entrevista estruturada semiaberta, objetivando recolher respostas de cunho livre dadas pelos informantes e relatadas de forma oral, pois toda a interação do processo de entrevista ocorreu com essas características. Com uma abordagem quanti-qualitativa, a análise visa não só apresentar uma descrição estatística do produto das entrevistas, mas também, uma interpretação dos dados, dando um olhar mais completo ao fenômeno.

Para as categorias de análise sociolinguística da atitude, utilizamos a proposta de Lopez Morales (1989) e Moreno Fernández (1998), em que há três componentes que formam a atitude: o cognitivo, o afetivo e o comportamental. As observações dos componentes da atitude foram observadas considerando as três últimas gerações dos informantes, onde já se pode observar os rumos de uma mudança linguística.

Crenças e atitudes sobre a língua

A análise das perguntas da entrevista considerou a cronologia das gerações no uso da língua nativa da comunidade de pesquisa, com foco nas perguntas relacionadas à língua que os colaboradores, seus pais e avós aprenderam quando criança. Assim, foi perguntado aos 35 colaboradores que língua seus avós haviam aprendido quando criança e 29 disseram que seus avós teriam aprendido a língua mundurukú; dois disseram o português (“Também o português eles não falavam mundurukú”); um declarou que apenas seu avô havia aprendido o mundurukú, pois sua avó não era indígena; outro disse que sua avó aprendeu o mundurukú (“meu avô era branco, minha vó era... ela fala mundurukú mesmo”); mais um colaborador disse que seus avós haviam aprendido as duas (“mundurukú, falava as duas línguas”); e, por fim, um disse que achava que seus avós haviam aprendido o mundurukú.

GRÁFICO 1: Que língua os avós dos colaboradores aprenderam quando criança?



No gráfico 1, há um colaborador com dúvida sobre a língua que seus avós haviam aprendido quando criança. Do total, 6% declararam que seu avô, e, outro, sua avó, haviam aprendido a língua mundurukú, pois apenas estes eram indígenas. Nesta geração, já se encontram, nos depoimentos dos colaboradores, avós que aprenderam a língua portuguesa, representando 5%. Esse percentual indica que já havia uso do português nesta comunidade, embora ainda grande o percentual de colaboradores que declararam que seus avós haviam aprendido a língua mundurukú, 83%. Assim, por mais que a maioria dos entrevistados tenha declarado que seus avós aprenderam, quando criança, a língua mundurukú, também já se tem colaboradores informando que seus avós haviam aprendido o português.

Em Beleza (2002, p. 38) encontram-se explicações do modo como a língua portuguesa adentra a comunidade, fazendo com que mundurukú comece a perder força cultural, ou seja, o português começa a fazer parte da escolha de indivíduos para aprender a língua. O trecho abaixo se refere ao depoimento feito por dona Antônia, uma senhora com 72 anos, aproximadamente.

Naquela época o padre era o professor dos índios. Forem eles que ensinaram o português para os índios. Minha mãe falava, dizia dona Antônia, ainda me lembro bem, pra gente ter cuidado. Ela dizia que um dia os brancos iam chegar na aldeia e que iam nos ensinar a falar o português e a gente ia perder a linguagem. Quando isso acontecesse, a gente ia perder a cultura. Os filhos não iam mais respeitar os pais, os pais não iam mais respeitar os filhos, ninguém ia mais obedecer, tudo ia se acabar. É assim mesmo que tá acontecendo nos dias de hoje. Agora meu filho, diz dona Antônia, se referindo ao seu filho que estava na sala de aula (seu Agapito, 63 anos, que naquela época era vice-capitão da aldeia Kwatá), está preocupado com a linguagem. Quer aprender a falar a linguagem de novo. Mas quando eu chamava a atenção quando ele era pequeno, não queria me obedecer não. Não queria aprender a falar a linguagem, tinha vergonha. Agora taí. (BELEZA, 2002, p.38).

O uso da língua portuguesa parece ter sido iniciado na geração dos avós dos colaboradores da comunidade indígena mundurukú, e este fato é confirmado nas informações do gráfico 1, embora com um percentual pequeno. São os grupos sociais de maior prestígio e mais poderosos economicamente que determinam o padrão da atitude linguística das comunidades de fala. Desse modo, a língua portuguesa assume este papel,



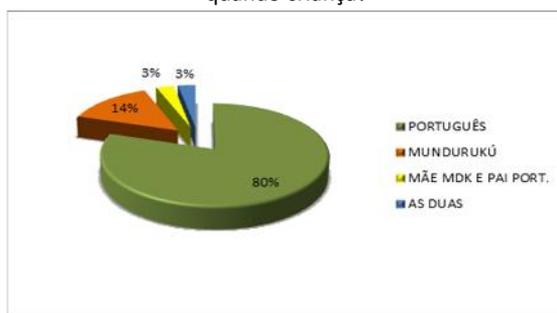
pois ela apresenta estas características de estratos sociais mais elevados, e, por outro lado, a língua mundurukú se apresenta com o contrário. Por conta disso, a atitude é geralmente positiva se os falantes tiverem maior prestígio e posição social elevada ou se a língua apresentar essas características (CALVET, 2002).

O fato de um falante aceitar ou não uma determinada língua como de prestígio ou como mais bonita é reflexo das crenças que se têm sobre a língua e isso influencia diretamente o futuro desta língua. Deixar de usar uma língua por considerá-la feia ou de difícil compreensão é fruto das crenças e atitudes linguísticas que são manifestadas nas relações sociais. “A atitude linguística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolinguística” (AGUILERA, 2008, p. 106).

O português exerceu uma pressão social sobre a língua mundurukú e tal pressão continuou sendo exercida nas gerações seguintes a dos avós. Em depoimento, um colaborador afirma “Quando eu era pequeno, eu sempre via meus avós falar o português né, já o português... Porque eles foram proibidos de não falar a língua (mundurukú). Eu já me criei escutando o português né, só o português” (MDKC25). Tal poder criou uma atitude negativa dos indivíduos da comunidade indígena do Kwatá-Laranjal com a sua própria língua e fez com que essa língua de menor prestígio fosse sendo substituída pela de maior.

A vergonha, o medo e o preconceito acentuam o desprestígio da língua mundurukú, e este fato gera um comportamento de repúdio ao uso da língua. Esta foi a maneira que a comunidade reagiu diante da língua desde as gerações dos avós dos colaboradores, e este comportamento foi sendo acentuado nas gerações seguintes.

GRÁFICO 2: Qual a primeira língua que os pais dos colaboradores aprenderam quando criança?



O gráfico 2 apresenta a porcentagem de colaboradores que responderam “que língua seus pais haviam aprendido quando criança” e onde pode-se ter uma noção dessa gradativa mudança de uso da língua mundurukú para o português. A língua mundurukú ainda era a língua de comunicação e de identidade da comunidade indígena mundurukú do Kwatá na geração dos avós dos colaboradores, embora já se tenha um índice pequeno de indivíduos que estavam aprendendo o português, segundo relato dos colaboradores e das informações de Beleza (2002, p.38).

Por outro lado, a situação muda significativamente quando passamos a analisar a geração dos pais dos colaboradores. Quando foi perguntado aos colaboradores “que língua seus pais haviam aprendido quando criança”, 28 disseram que seus pais haviam aprendido o português quando criança; 5, a língua mundurukú. Contudo, outros tipos de respostas apareceram, como “Minha mãe falava um pouco mundurukú, mas meu pai fala português mesmo” (MDKC9), tendo um colaborador afirmado isto; e “Meus pais aprenderam as duas línguas” (MDKC33), tendo um colaborador também. Convertendo este quantitativo em percentual, temos, respectivamente, 80% declarando que seus pais haviam aprendido o português; 14%, a língua mundurukú; 3% disseram que a mãe aprendera o mundurukú e o pai o português; e por fim, 3% as duas línguas.

(01) Quando criança meu pai aprendeu o português também bem pouco o mundurukú também né?... que já não existia aprendeu bem pouco. (MDKC12)

(02) Português. (MDKC2)

(03) Muitos deles falavam linguagem mundurukú aí o tempo que assim nossa avó que ensinava pra ele, ela faleceu aí eles esqueceram aí. Já foram ensinando a gente a falar o português. (MDKC20)

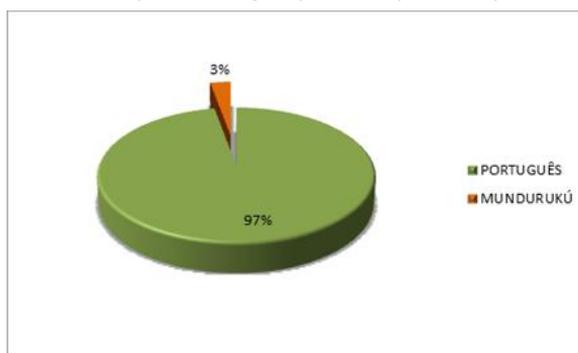
A maioria das respostas dos colaboradores foram diretas e curtas, como no exemplo (3). A palavra “*também*”, neste contexto, funciona como um elemento anafórico da resposta anterior, que, na sequência das perguntas do questionário, seria “que língua os colaboradores haviam aprendido quando criança?”. Quando respondiam que haviam aprendido o português, automaticamente, na resposta da pergunta subsequente, utilizavam tal palavra se a resposta fosse a mesma da anterior. Poucos



colaboradores explicavam suas respostas e isso acontecia geralmente em perguntas que lhes exigia respostas polares, com sim ou não. Porém, na resposta do exemplo (4) o informante faz uma pequena explicação do porquê que seu pai havia aprendido, quando criança, a língua mundurukú e ressalta o porquê na geração dos pais dos colaboradores a comunidade já não usava mais o português como língua de comunicação.

Esse panorama de irregularidades dos usos linguísticos é evidenciado nas informações da segunda geração dadas pelos colaboradores sobre a primeira língua aprendida, o que pode ser observado no gráfico 3 referente às informações quantitativas das respostas sobre que língua os colaboradores haviam aprendido quando criança.

GRÁFICO 3: Qual a primeira língua que você aprendeu quando criança?



Quando os colaboradores foram perguntados “que língua havia aprendido quando criança”, 34 colaboradores responderam que haviam aprendido o português e apenas um disse ter aprendido a língua mundurukú. Em percentual temos 97% dos que afirmaram ter aprendido o português quando criança e 3%, disseram ter aprendido o mundurukú. Em depoimento, o informante (**MDKC35**) ratifica a estatística acima:

(04) A primeira língua que eu aprendi quando criança foi o português. (**MDKC16**)

(05) Quando eu nasci meus pais já falavam o português. Só falo o português. (**MDKC6**)

(06) A primeira língua que eu aprendi foi o português né? Já quando a gente começou entendi a língua mundurucu já não... Existia, mas bem pouco a gente aprendeu logo o português. (**MDKC12**)



(07) Quando eu era pequeno eu sempre via meus avós falar o português né, já o português... Porque eles foram proibidos de não falar a língua. Eu já me criei escutando o português né, só o português. **(MDKC26)**

(08) A primeira língua mesmo, eu falava mundurukú. Só quando passei a falar o português, eu tinha raiva do meu avô que falava comigo eu mordida ele é que eu não queria aprender mais aquilo ai pra mim, às vezes eu fico lembrando quando eu estou ai fico lembrando o aquilo era pra mim ter aprendido lá e hoje faz falta pra mim. **(MDKC35)**

(09) Português, porque quando eu nasci meus pais já falavam português. **(MDKC29)**

No depoimento (08), a atitude manifestada pelo colaborador é negativa quando explica a língua que havia aprendido quando criança. Afirma que tinha raiva de seu avô, que falava em mundurukú com ele. Parece apresentar uma verdadeira recusa sobre a língua mundurukú, embora no final de seu depoimento já apresente consciência em aprender sua língua de cultura. Aqui, vemos uma mudança de atitude no sentido, inicialmente, de rejeição e, posteriormente, de aceitabilidade de aprender a língua mundurukú como forma de resgate de identidade.

A diferença daqueles que aprenderam o português para os que aprenderam o mundurukú é produto de aspectos históricos. Houve uma mudança brusca ocorrida nas gerações anteriores, em que o número de indivíduos que já haviam aprendido o português na geração dos pais dos colaboradores era maior dos que haviam aprendido o mundurukú. Este fato se confirma na geração dos colaboradores, em que há a predominância dos que aprenderam o português ao invés do mundurukú. Apesar do domínio majoritário do português, os colaboradores parecem ter consciência da importância de reaver a língua mundurukú como elemento de sua identidade.

O gráfico 3 sugere uma inversão de uso linguístico, ou seja, a substituição do mundurukú pelo português. Dentro de estudos sobre comportamentos sociais, pode-se afirmar que a atitude de apreço tomada pela comunidade do Kwatá-Laranjal sobre a língua portuguesa, elegendo-a como a língua de comunicação diária, e, por outro lado, desenvolvendo sentimento de rejeição, como no depoimento (10), em relação à língua mundurukú, o que pode ter determinado a mudança linguística que ocorreu dentro desta comunidade. Nesse sentido, vê-se a presença de juízos de



valores agregados aos sentimentos do falante quanto às línguas portuguesa e mundurukú, os quais podem ser positivos ou negativos (GÓMEZ MOLINA, 1996).

Segundo Gómez Molina (1996), “o componente afetivo, por sua vez, está alicerçado em juízos de valor (estima-ódio) acerca das características da fala: variedade dialetal, acento; da associação com traços de identidade; etnicidade, lealdade, valor simbólico, orgulho; e do sentimento de solidariedade com o grupo a quem pertence...”. Esse juízo de valor que o falante constrói é a avaliação subjetiva da língua, em que o valor de estima ou solidariedade pode determinar um sentimento positivo, mas a recusa e estigma pode desencadear um sentimento negativo, determinando a escolha de uso de uma língua onde duas estão em batalha.

Últimas palavras

O trabalho de observação sobre a preferência de uso da comunidade mundurukú do Kwatá-Laranjal-Am pela língua portuguesa e pela língua de mesmo nome contribui para o entendimento dos mecanismos que estão presentes na formação das crenças e das atitudes linguística desta comunidade. Esta comunidade indígena, ao longo de três gerações inteiras, deixou de usar a língua mundurukú, que é parte integrante da sua cultura, para fazer uso de uma língua que apresenta maior grau de prestígio socioeconômico. A manifestação de preferência no uso da língua portuguesa começa na geração dos avós dos colaboradores da pesquisa e se intensifica nas gerações seguintes.

Não é possível explicar todas as causas que levaram a comunidade indígena do Kwatá-Laranjal deixar de falar a língua mundurukú para apenas usar a língua portuguesa, elegendo-a atualmente como língua materna para muitos, mas a pesquisa realizada permite esclarecer o que motivou esta mudança a partir da atitude linguística que a comunidade começou a assumir desde a geração dos seus avós.

Entender as preferências de uso que uma comunidade quanto à língua é, de fato, compreender as crenças e as atitudes que determinam o que se faz, ou se quer fazer da língua. O que a comunidade indígena do Kwatá-Laranjal quis em relação ao uso linguístico foi determinado pela preferência que os integrantes deste grupo tiveram com a língua



portuguesa, ou seja, uma atitude positiva em relação à língua portuguesa brotou desde a geração dos avós dos informantes e aumentou significativamente na geração dos pais e se confirmou na geração dos colaboradores deste trabalho. Na contramão deste processo, a língua mundurukú recebeu rejeição, recusa quanto à sua aprendizagem, ou seja, a comunidade apresentou, durante as três últimas gerações, atitude negativa, o que certamente determinou seu estado atual de extinção.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Crenças e atitudes lingüísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras.** São Paulo: Revista ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, v. 37, n. 2: 105-112, maio-ago. 2008

BELEZA, Adalberto Rodrigues et all. **KWATA-LARANJAL, história e reconquista da terra.** Manaus: SEDUC-AM, 2002.

BORELLA, Cristina de Cássia & SANTOS, Eneida Alice. Gonzaga. **Relatório do Levantamento SócioLinguístico na Terra Indígena Kwatá-Laranjal.** Manaus: UFAM, 2011.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística, uma introdução crítica.** Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. **Principios da sociolingüística y sociología del language.** Editoreal Ariel S.A.: Barcelona. 1998, p 180.

GÓMEZ MOLINA, J. R. **Actitudes lingüísticas en Valencia y su área metropolitana: evaluación de cuatro variedades dialectales.** In: Congreso internacional de la asociación de lingüística y filología de la américa latina - ALFAL, 11, 1996, Las Palmas de Gran Canaria. *Actas...* Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 1996. v. 2, p. 1027-1042.

MENDES, Djalma Gomes Júnior. **Comparação Fonológica do Kuruáya com o Mundurukú,** 2007. 66 f. Dissertação de Mestrado (Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas -Universidade de Brasília) Brasília: Instituto de Letras (Unb), 2007.



MORALES, Humberto López. **Sociolingüística**, Madrid, Editorial Gredos, 1989.

PICANÇO, Gessiane. **Language Planning for “Mundurukú do Amazonas”**. Belo Horizonte : RBLA, v. 12, n. 2, p. 405-423, 2012.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Aspectos da história das línguas indígenas da amazônia**. Cadernos do CNLF, Vol. XVI, nº 04, t. 1 – Anais do CNLF, 2008

Recebido: 01/02/2018

Aceito: 02/07/2018

